

QUASI UMBRA...TE SEMPER SEQUI (SEGUIR-TE SEMPRE COMO UMA SOMBRA)

Amós Coelho da Silva (UERJ – ABRAFIL)

1 - INTRODUÇÃO

A frase latina é o verso 93 de Plauto, na peça *Casina*. E a uso aqui com o mesmo sentido que foi aplicado ao imperador Constantino (TOSI, 1068: 1996), cuja glória o acompanhou como uma sombra, e é assim com Horácio e Camões: a glória é sombra perseguidora para ambos.

O saudoso filólogo Leodegário A. De Azevedo Filho é um camonista. Lê-se uma comparação entre Luís Vaz de Camões (1525? – 1580) e Horácio no seu artigo “A Lírica de Camões e a Relatinização do Português Quinhentista”. Neste ensaio, descreve Camões como um divisor de águas, ou seja, como marco inicial do *Português Moderno*. A língua portuguesa vivia uma fase de transição entre os séculos XV e XVI. Mesmo com a incontestável contribuição de Gil Vicente, criador da dramaturgia portuguesa, a identidade linguística do português ainda não conseguira se firmar de vez. A separação do português arcaico há de se evidenciar num conjunto de alterações quantitativas e qualitativas que caracterizarão a evolução linguística na passagem do século XV para o XVI. Com Sá de Miranda (1481? – 1558) se dá a iniciação escolar do espírito renascentista em Portugal, ao voltar da viagem à Itália e tornar-se o poeta da “medida nova”, porque divulgou o decassilabo, o terceto, a oitava, o soneto, a elegia, a ode etc. Não foram apenas *Os Lusíadas* um espaço poético para que se proclamasse “Cesse do sábio grego e do troiano” (canto I, estr. 3, v. 1) e se pudesse identificar o novo momento do Latim: o Português como identidade nacional. Na expressão de Leodegário:

A relatinização da língua literária da época é a base do português moderno, tudo isso ocorrendo no século de Quinhentos, literariamente marcado pela estética da identidade, já que os escritores partiam de modelos latinos, por eles descoficados, para a conseqüente recodificação em português, num processo de recriação literária mais ou menos comum em todos os domínios românicos.

Houve uma considerável ampliação vocabular, às vezes, relatinizando termos arcaicos, como *avondança* e *esmar*, em abundância e estimar, calcados no latim clássico *abundantia* e *aetimare*, ou por neologismos, como *potestate*, tirado do latim clássico *potestas*, bem como um nova formação de substantivo composto: *grandiloquente*, proveniente do modelo de inovação em Latim Clássico de Lucrécio, introdu-

tor do epicurismo grego, linguagem filosófica difícil de trasladar para o latim, que tinha perdido múltiplos elementos mórficos na sua evolução histórica do indo-europeu, donde a necessidade de criar em parilha com o grego: neologismo de substantivos compostos. Ora, Lucrécio, como elo de uma corrente da formação da língua literária latina, notou que havia uma *rerum nouitatem, novidade de assunto* (*De rerum natura*, I, 139), entre os gregos, exigindo uma criação de neologismos para que se pudesse dar competência ao idioma do Lácio, superando a *egestatem linguae* (idem), *a pobreza da língua (latina)*; por isso, no seu esforço de expressão clara, recriou um novo item de processo de formação vocabular, compondo em latim uma nova forma, que contém numa única palavra uma estrutura frasal, como era comum entre os gregos, como nestes três exemplos do livro I: *squamigerum* (v.162) (squamirger = squama + ger- – o que leva escama sobre si); *siluifragis* (v.275) (siluifragus = silua + frag-, o que quebra as árvores das florestas); *montiuagus* (v.403) (mons + vagus – o que percorre as montanhas); *frugiferentis* (v. 3, frux, + fer-, produção de legumes) etc. Por analogia, surgirá, p.ex., *naufragium* (nau + fragus – quebrada), como forma vernácula, ou seja, sem ser estrangeirismo.

Como bem o disse Leodegário Azevedo, havia a penetração no português de: *italianismos, galicismos e espanholismos, graças ao espírito universalista do Renascimento*. (70) Mas havia nisso tudo um predomínio do Latim Clássico: *Em certo sentido, pode-se até afirmar que o vocabulário da língua portuguesa, pelo menos em estado potencial, passava a ser o próprio vocabulário da língua latina, mediante certas adaptações fono-morfológicas*.

Além de *Os Lusíadas*, Camões nos legou três autos *El-Rei Seleuco, Anfitrião e Filodemo* e poesias líricas, formadas de “medida nova” e “medida velha”.

Quintus Horatius Flaccus (65 – 8 a.C.), Quinto Horácio Flaco, *dimidium animae, metade da alma* do poeta Vergílio, seu contemporâneo, e como este integrante do círculo de Mecenas. Mecenas foi patrono de poetas e conselheiro do imperador Augusto (seu império foi de 27 a.C. – 14 d.C.). Temos de Horácio: *Odes* (4 livros); *Epodos* (17 poemas); *Sátiras* (2 livros) e *Epístolas* (2 livros), com destaque da *Epístola aos irmãos Pisões* ou *A Arte Poética*, onde Horácio debate princípios da arte literária ao longo de 476 hexâmetros.

Devido à sua sinceridade e transparência de discurso, à perfeição formal, à sua urbanidade, ao seu patriotismo, conquistou a posição de um poeta singular e marcante em todo o Ocidente. A estética horaciana se sintética no *carpe diem, aproveita o dia* (*Odes*, I, 11, 8), dada a condição humana: *Pulvis et umbra sumus, somos pó e sombra* (*Odes*, IV, 7, 16), como na futura tradução de Jerônimo na *Vulgata* (Gênesis, 3, 13): *Memento, homo, quia, pulvis e set in puluërem reuertēris, lembra-te, homem, de que é pó e ao pó voltarás*. A leitura de um símbolo numa poema, conforme Northrop Frye, se abre em duas janelas: a primeira é em direção exterior e centrífuga. Assim, o *carpe diem* flutuará pelo mundo, nos espaços geográficos e tempos a fora, assumindo múltiplos sentidos, como versão de filmes, *Dead Poets Society, Sociedade dos Poetas Mortos*, rótulos de perfumes do Boticário, ou mesmo como no *Carpe diem* da com-

posição no ritmo “rock alternativo” da banda Fresno, conforme esta breve passagem, mas aqui não conseguimos ler em nenhum espaço a expressão “carpe diem”, a não ser no título:

Eu não sei por que vou envelhecer
 Se é bem assim que eu quero morrer
 Dormindo, não vou me desfalecer
 Pois quando eu for velho eu não vou mais ter
 Razão pra viver, um amor pra sofrer
 Pernas pra correr, uma missão pra ter
 E não dá...

Mas outra leitura aponta direção interna e centrípeta e nela tentamos determinar com as palavras o sentido da configuração verbal mais ampla que elas formam. (FRYE, 1973: 77) Northop explica que a primeira janela é dos *signos, unidades verbais que, convencional e arbitrariamente, querem dizer coisas, às quais conduzem, fora do lugar onde ocorrem.* (Idem, ibidem) No entanto, se nosso esforço for para compreender o contexto das palavras, a expressão “carpe diem” é um elemento num corpo maior de sentido. Não é primariamente o símbolo “de” nada, pois em tal sentido não representa, mas liga. Difícilmente podemos mesmo dizer que representa uma parte da intenção do autor ao pô-la ali, pois a intenção do autor cessa de existir como fator separado, tão logo haja findo a revisão. (Idem, ibidem) Assim, o crítico afirma que elementos verbais, se interpretados interna ou centripetamente, como partes de uma estrutura verbal, são, como símbolos, simples e literalmente elementos verbais, ou unidades de uma estrutura verbal.

Esta, logo acima, é uma leitura imanentista, com a direção interna e centrípeta, tomada unicamente nos arranjos dos elementos intrínsecos da linguagem no texto. No nosso entender, uma primeira leitura apenas. Não podemos evitar uma pesquisa interdisciplinar a partir desse momento para frente. Dada a expansão da Linguística, admite-se, de fato, uma interferência do historicismo, sociologismo e psicologismo nas considerações dos fatos literários.

2 – LATINISMOS CAMONIANOS

Apoia-se a argumentação do Prof. Leodegário na evidência do “processo de descodificação literária de textos latinos” e sua respectiva recodificação, marcada pela “estética da identidade ou *imitatio*” (71). Então, justapõe em perspectiva comparada a Ode IX, de Camões com a Ode 7, do livro IV, de Horácio (aqui só cotejamos os dois primeiros versos):

Difugere niues, redeunt iam gramikna campis
 Arboribusque comae;

Versos assim recriados por Camões:

Fogem as neves frias
 Dos altos montes, e já reverdecem
 As árvores sombrias;

Assim, afirma que:

vários latinismos morfossintáticos passaram do texto latino de Horácio para a língua portuguesa, como nos demais textos da obra lírica de Camões, cada um em relação com o seu modelo latino, como porta aberta para a penetração de latinismos literários no português culto. (71)

Finalmente traça um completo paralelo entre os dois poemas com intenção do leitor notar a presença de entidades mitológicas, como Zéfiro, personificação do vento oeste, a deusa Vênus e o respectivo epíteto Citerea, “os coros das Ninfas”, o deus Vulcano, a personagem homérica Heitor, o herói Teseu etc. Assim, como ambos os poemas, em sua temática, estão a lamentar a brevidade da vida, ou seja, no dizer de Camões: *tudo passa, / não sabe o tempo ter firmeza em nada; / e nossa vida escassa / foge tão apressada / que, quando se começa, é acabada.* (76) Ou, portanto, no dizer horaciano: *Ne speres immortalia. Monet annus et alium / quae rapit hora diem. Nem esperes as coisas mortais, advertem o ano e a hora / que levam (consigo) o dia benfazejo.*

O Prof. Leodegário, mais uma entre as múltiplas vezes em que abordou e leu a temática camonianiana, abriu, nesta breve conferência de 1994, um projeto de pesquisa. Isso porque estava a par de profusa bibliografia sobre Camões, quando cita *Os Latinismos dos Lusíadas* (Carlos Eugênio Corrêa da Silva), um artigo de J.G. Herculano de Carvalho, como excelentes contribuições, mas observa:

Nem foi propósito nosso aprofundar a pesquisa nesta simples conferência, em que apenas sugerimos um caminho a seguir, até porque não haveria tempo para irmos além do que foi dito. Afinal, ainda não está suficientemente estudada a própria língua portuguesa do século XVI, trabalho que um dia se tornará possível. (78)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- MARROUZEAU, J. *Quelques Aspects de la Formation du Latin Littéraire*. Paris : Klincksieck, 1949.
- OEUVRES D’HORACE. Par F. Plessis et P. Lejay. Paris: Hachette, 1966.
- SPALDING, T.O. *Pequeno Dicionário de Literatura Latina*. S. Paulo: Cultrix, 1958.
- Renzo. *Dicionário de Sentenças Latinas e Gregas*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.